

EM MOVIMENTO: Memórias, Experiências e Performances Coletivas

Organizadores:

CORINA E. DEMARCHI VILLALÓN

VINÍCIUS FERNANDES DA SILVA

MARILIA VELARDI

São Paulo
Edições EACH
2022

DOI: 10.11606/9786588503096



Conhecer é romper os muros e dialogar

Dennis de Oliveira

Algo que sempre me incomodou quando ando pelas ruas é uma certa naturalização de cenários. Quando se passa próximo a escolas particulares de alto padrão, nos bairros mais sofisticados, observa-se um perfil de crianças, adolescentes e jovens entrando ou saindo das aulas alegremente em direção aos carros com seus pais ou motoristas particulares, indo para as suas casas descansar, brincar e continuar a estudar. Andando um pouco mais a frente, outro perfil de criança ou adolescente vendendo doces ou pedindo esmolas nos cruzamentos das avenidas.

Estes perfis distintos aparecem também nos cursos mais concorridos das universidades de ponta, no acesso a pós-graduação e, de quebra, nos cargos melhor remunerados do mercado de trabalho.

Ao ligar a televisão, observa-se esta mesma diferença de perfis dos que mais aparecem comentando, opinando e tomando decisões e aqueles que vez ou outra surgem em casos de tragédia social ou violência física.

Por que incomoda esta naturalização de paisagens? Parece existir um “acordo tácito” de convivência com antagonismos históricos, construídos desde os tempos de colonização e escravidão no país nunca superados e nas nossas mentes mitigados por aquilo que o antropólogo Gilberto Freyre chamou de “equilíbrio de antagonismos” – a absorção dos antagonismos de raça e classe em dimensões cultural-idílicas criando um tipo de “tolerância” como aquela retratada no quadro *Sala de Jantar*, de Debret, em que uma sinhazinha abanda por negros escravizados, dá comida por baixo da mesa a um conjunto de crianças negras nuas. Passa-se no cruzamento da avenida, dá-se uma moeda qualquer para a criança que está pedindo esmola e segue o rumo. Os espaços definidos para cada ser humano categorizado

historicamente no sistema de opressão construído desde os tempos de escravismo prossegue com os seus equilíbrios freyreanos.

Porém, a tragédia em certa hora estoura a tampa da panela de pressão. O momento que vivemos da pandemia do Covid-19 deixou as veias abertas da desigualdade. De tão intensas, transcendem os perfis e se constituem em espaços-tempo distintos.

Tempos atrás, li uma reportagem que mostrava uma geração de jovens de classe média-alta moradora da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro que... *não conhecia o Rio de Janeiro!* Isto é, só conhecia a Barra da Tijuca – a avenida das Américas e seus vários shoppings, a avenida Lúcio Costa e sua orla belíssima e condomínios luxuosos, o aeroporto internacional e o exterior. Como uma mimese das praias de Miami, esta geração de jovens brancos se familiariza com o que Marc Augé chama de *não lugares* – espaços que se caracterizam pela uniformidade de perfis de sujeitos e comportamentos – e, principalmente, das barreiras (físicas ou simbólicas) que impedem que o diferente o problematize.

São Paulo, metrópole que concentra bairros periféricos imensos com populações superiores a países como o Uruguai, tem a segunda maior frota de helicópteros do mundo (perde só para Nova York) e a Avenida Paulista, no centro, sedia os principais centros do comando do grande capital que atua no território nacional. Como uma fronteira, descendo à esquerda (para quem vai da Consolação ao Paraíso), o centro de comando vai se enfurnando na precarização do centro, chegando próximo a chamada *Boca do Lixo*, virando à direita, a paisagem vai se sofisticando com as vitrinas das boutiques da rua Oscar Freire.

As experiências espaciais cristalizam valores e estes permeiam a forma de percepção das informações e construção dos conhecimentos. Não há neutralidade no saber como se pode pensar em um aprendizado construído em um espaço isolado de vivências. Pelo contrário, a concepção dos muros que cercam muitos campi universitários parece repetir esta organização dos espaços e das paisagens. Durante muito tempo, os campi universitários pareceram ser uma reprodução desta insistente paisagem Casa Grande/Senzala que se enfurnou na estrutura de país. Felizmente as pressões dos movimentos sociais, em particular do movimento negro, em defesa da democratização do acesso ao ensino superior paulatinamente quebrou este muro. Projetos extensionistas não podem parecer nem um pouco com o *Sala de Jantar*, de Debret. Nem tampouco pretenderem ser um espaço de equilíbrio de antagonismos freyreano.

Contra este Freyre, oponho outro, o Freire com “i”, não o *Gilberto*, mas o Paulo Freire, o que propôs que rompêssemos com a cultura do silêncio imposta pelo colonizador,

pois afinal de contas estes cenários não são naturais e sim socialmente criados e, assim, podem ser socialmente modificados. Mas para isto, é preciso estabelecer diálogos, o que implica romper muros, quebrar os privilégios e mudar as relações de Eu-Isso para Eu-Você-Nós.

É assim que o conjunto de pesquisadoras e pesquisadores da EACH-USP ousaram produzir os textos deste livro, produto de vivências, diálogos, saberes compartilhados e, sobretudo, da vontade de mudar as tipologias relacionais, pois como diz Paulo Freire, “ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho; os seres humanos se libertam em comunhão”. Uma concepção de ser humano no qual a “liberdade” está diretamente ligada à opressão do outro não tem muito futuro – e isto ficou demonstrado nestes tempos de pandemia em que a solução para a erradicação da Covid-19 depende do coletivo (da esmagadora maioria se vacinar, da maioria se prevenir, da maioria ter condições de se prevenir, entre outros).

Esta lição da força do coletivo é o grande conhecimento que mulheres negras, homens negros, jovens da periferia, LGBTs, movimentos sociais, ativistas em geral nas mais diversas formas retratadas aqui nesta obra nos ensinam. Abrir os muros da universidade para estas vivências é ampliar horizontes de conhecimento e de esperança. Como disse o poeta Ferreira Gullar,

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.